

# POVO E CULTURA

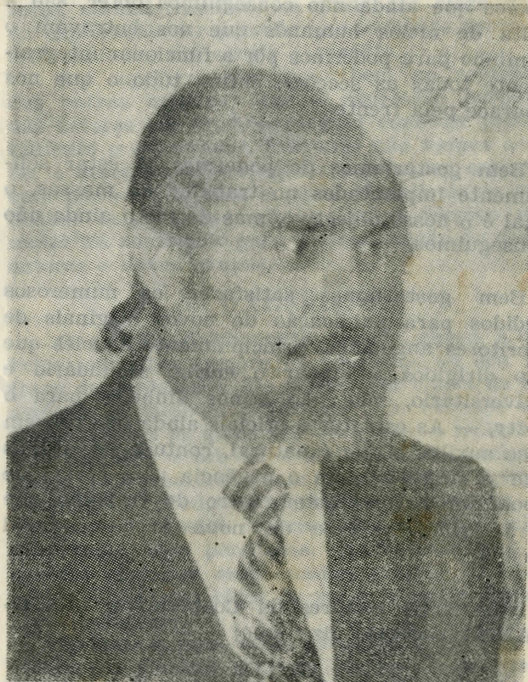
Orgão da Cooperativa Livreira e Cultural "ANGOLANA"

## Editorial

Pretendemos estar atentos a todas manifestações e organizações que se relacionem com a actividade da nossa cooperativa livreira e cultural «ANGOLANA». É deste modo que podemos verificar uma tentativa de renascimento do espírito de grupo ou de grupo de elite intelectual, numa evidente dispersão de esforços que sómente prejudica o POVO por quem lutamos.

Durante muitos meses falava-se à boca cheia na falta que fazia uma organização cultural que permitisse finalmente ao POVO reassumir a sua cultura a qual durante tantas centenas de anos foi deformada e destruída. Tentou-se portanto, durante o feroz período colonial, despersonalizar o POVO em tudo o que ele fazia. E de tal forma isso aconteceu que passou a ser canalizado para "rebitas" existentes em cada canto do bairro. Aí, o POVO alienava-se na bebida, na Kazucuta e nas musicas profundamente reaccionárias. Assim de tanto ouvirem esses discos, essas vozes, essas letras, hoje, os nossos artistas num claro esforço de se porem ao serviço da revolução, não conseguem fugir a esses vícios, a essa educação, a todos esses defeitos. Às vezes parece que estamos a ouvir um ataque ao imperialismo em melodia de boate. Infelizmente o neocolonialismo cultural é a herança mais difícil de destruir. Contudo ela não sobreviverá muito tempo se desencandarmos imediatamente uma guerra sem tréguas contra esses vícios pela reeducação musical, teatral, cinematográfica etc. Para isso necessitamos de concentrar os nossos esforços juntamente com as emi-

Continua na Página 6



ANTÓNIO JACINTO

POETA DE COMBATE

O combate ao colonialismo português, na fase que antecedeu a luta armada de libertação nacional, caracterizou-se pela negação de todas as manifestações culturais colonial-fascistas, pela afirmação de uma cultura angolana revolucionária. A poesia, dentro das manifestações culturais do povo angolano foi uma arma importante pois apresentava a exploração, a humilhação e sofrimento a que o povo estava votado, dentro dos quadros do contrato, do analfabetismo, da miséria, da fome, do obscurantismo, da ignorância, etc.

António Jacinto, poeta e combatente revolucionário da primeira hora, ilustra nos seus poemas a vontade do povo se libertar das garras do colonialismo, da exploração do homem pelo homem, dando simultaneamente o grito de alerta para mobilização e organização do povo para a luta, pela construção de uma sociedade nova, justa e democrática.

(Conclui na página 6)

# ACTIVIDADES DA ANGOLANA

A nossa cooperativa continua nesta fase de arranque, com as enormes dificuldades que normalmente surgem em todos os sectores quando do seu início de trabalhos.

São os meios materiais que não temos, são os apoios que ainda não conseguimos obter, são a falta de meios humanos que nos entavam o caminho para podermos pôr a funcionar integralmente todas as secções, enfim, tudo o que nos aparece pela frente...

Bem gostaríamos de podermos já estar solidamente implantados no trabalho de massas, o qual é o nosso objectivo, mas de facto ainda não conseguimos.

Bem gostaríamos satisfazer os numerosos pedidos para publicação de novos originais de escritores angolanos, principalmente aqueles que são dirigidos a apoiar o ensino secundário e universitário, mas não temos dinheiro para o fazer, — As estruturas oficiais ainda não prevêm esse auxílio, o que é natural, contudo esperamos que se organize com o urgência uma forma de apoio imediato a este género de trabalho que será afinal a base de nova acção cultural popular.

Nos vários sectores da Cooperativa «ANGOLANA» podemos dizer que:

**ADMINISTRAÇÃO** — iniciou-se já a angariação de sócios. Esperamos nos próximos dias fazer a escritura de legalização da Cooperativa com a respectiva publicação no diário da república. Está a policopiar os estatutos e declaração de princípios.

**CINEMA** — Esperamos a todo o momento concretizar contactos com organizações progressistas internacionais, com a finalidade de obter material e filmes revolucionários demonstrativos da luta dos povos oprimidos de todo o mundo. É também sólida intenção intervirmos na actual divulgação de filmes reaccionários, no sentido de substituir o criminoso critério comercial dessa actividade. Gostaríamos poder iniciar uma actividade de formação e crítica nas páginas dos jornais diários que se publicam em Angola, esperamos fazê-lo para breve.

**ARTES - PLÁSTICAS** — Esta secção vai organizar a nossa primeira iniciativa de massas: **O SALÃO POPULAR DE ARTE INFANTIL**. Este salão, será realizado com a colaboração dos

DEC das Comissões populares de bairro Cada bairro inscreve o número de crianças que quiser Depois, logo após um tema proferido por um camarada da Cooperativa, as crianças começarão a pintar ou desenhar publicamente, em cada bairro separadamente. Por fim serão reunidos os trabalhos executados os quais irão ser apreendidos em todos os bairros em todo o país com as respectivas explicações.

Para esta iniciativa, solicitamos o apoio sincero de todos os que querem lutar por uma cultura popular.

**TEATRO, MÚSICA** — Estas secções continuam sem actividade por falta de colaboração. Portanto, quem quiser participar nestes sectores deve inscrever-se rapidamente na Cooperativa para iniciarmos os trabalhos. Em música, temos urgência em quem saiba dirigir grupos corais.

**RADIO** — talvez antes do número três de «POVO E CULTURA» já esteja no «AR» o nosso programa.

**EDITORA** — «POVO E CULTURA» número um saiu cheio de imperfeições. Iremos fazer tudo para corrigir nas futuras edições tornando-o cada vez melhor. Nesta secção estamos com graves problemas de distribuição. Precisamos de apoio neste sentido. Será necessário organizar pequenas bancas de venda «POVO E CULTURA» e todas as outras publicações que dentro em breve iremos editar. Agradecemos portanto a colaboração das Comissões de bairro, nesta luta pela promoção da Cultura Popular.

## POVO E CULTURA

**DIRECÇÃO:** Cooperativa

Livraria e Cultural «ANGOLANA»

**MORADA** — Rua Paiva Couceiro - 91 Caixa

Postal 1442 — LUANDA

OS trabalhos não assinados são de Responsabilidade da Cooperativa «Angolana»

# «TCHINGANGE» E O PODER POPULAR

Dissemos no numero um, deste jornal, que o teatro é uma manifestação cultural de capital importância na Revolução Popular. Portanto, torna-se imediatamente terrível esta arma quando é utilizada ao contrário.

Isto significa que todo o cuidado é pouco quando se estuda e elabora o texto que se irá representar. «TCHINGANGE» ao pensar no Poder Popular que apresentou na Liga Africana, tinha duas opções:

— Uma, seria representar a tomada do Poder pelo POVO e dizer aquilo que todos os dias se diz e que em Luanda começa a entrar numa fase de saturação caso não seja renovada a linguagem. Isto é, os operários e camponeses tomam o poder com os seus aliados, os intelectuais revolucionários, os estudantes progressistas, e a pequena burguesia descontente, para assim acabar com a exploração do homem pelo homem.

— outra, seria explicar o funcionamento do Poder Popular o que na verdade se tem descuidado e que na prática o POVO angolano ainda não se apercebe completamente. E isto porque não sabe que os órgãos de Poder Popular (comissões de trabalhadores, de bairro, de libata, de kimbo etc.) são eleitos em assembleias populares (de trabalhadores, de bairro, de libata, de kimbo, etc.) e que são estes órgãos que enviam as ordens e decisões ao órgão coordenador e executor que por sua vez são eleitos por assembleia Popular Regional e ou Nacional. Ora isto o POVO precisa de saber urgentemente para poder participar activa e conscientemente neste processo revolucionário.

Portanto das duas maneiras de «TCHINGANGE» falar em poder popular, preferiu a primeira a qual ainda contém certas incorrecções que tentaremos demonstrar para assim poderemos colaborar no trabalho de um grupo que, estamos certos, irá dinamizar uma actividade indiscutivelmente importante.

## A HISTÓRIA REPRESENTADA

Para se representar a tomada de poder pelo POVO, há vários caminhos à nossa disposição. Contudo, devemos-nos preocupar em seguir aquele que se nos afigura mais directo e mais correcto para que o POVO beneficie integralmente os bens da Revolução. Assim durante a longa caminhada temos que fazer tudo para que as tarefas-base sejam a mobilização das amplas massas a participar na luta.

### a) O CAMINHO

De entre todos os caminhos à disposição de «TCHINGANGE», ele escolhe um bastante

limitado, que irá provocar certas confusões no espirito de quem está pouco habituado à linguagem teatral. Assim o ambiente escolhido é o de uma fábrica. Coloca em cena o Capitalismo (o patrão) e os lacaios (encarregados, directores, administradores) os quais dão clara ideia da exploração e repressão que se abate sobre os trabalhadores até surgir o conflito.

Até aqui consideramos (bem ao contrário das outras críticas) que a expressão corporal dos actores em cena, conseguiu conduzir perfeitamente o espectador. Portanto não vamos aceitar a desculpa de ser aquele o primeiro espectáculo porque não vale a pena. Há ali sinais evidentes duma preparação ao nível técnico que muito irá contribuir para a dinamização de novos actores e novos grupos.

### b) O CONFLITO

O patrão, diariamente quando chega à fábrica, encontra sempre os operários no seu esforço de explorados. De súbito, por causa de um acidente e também provocado pelo cansaço dos trabalhadores os quais são obrigados a trabalhar sem descanso e sob cruel vigilância dos encarregados, eles resolvem parar para discutir e organizar-se. (Podemos considerar a criação da vanguarda). Assim esperam que o patrão chegue, todos eles perfilados. (parece-nos que se deveria repensar este quadro, porque de facto os operários dão ideia de estar a pedir licença para reclamar).

Entramos aqui verdadeiramente na luta de classes. O Capital sente-se ameaçado porque a força de trabalho está paralisada e ameaça continuar, se ele (o Capital) não satisfizer a sua legitima vontade.

Portanto em teatro o conflito resume-se a isto, porque isto é o resumo da história da luta de classes. Contudo, a partir daqui a representação começa a entrar por caminhos desviados e invios o que provoca ideias erradas e incorrectas ao espectador. Quer dizer, ficamos com a ideia de que é muito fácil exigir do patrão. Que o patrão depois de ir ao seu gabinete falar com o encarregado, director e administrador, regressa passado alguns minutos e diz sempre que sim. Em teatro, isto quer dizer que a encenação não foi capaz de dar uma ideia correcta de espaço e tempo.

Deste modo, esta cena terá que dar uma ideia das verdadeiras dificuldades das massas trabalhadoras em luta contra o capital explorador, seja ele privado ou de estado. E porquê? porque as massas trabalhadoras estão agora numa fase de pleno desenvolvimento e de mobilização. Elas

Continua na Página 6

## CONTO

## ZECA TINHA RAZÃO

Estava deitado no colchão, olhando os raios de sol que penetravam através das gretas da minha cubata. Tinha chegado há poucos minutos do trabalho. A tarde no meio do pouquinho estava tranquila. Ao longe o carcarejo das galinhas passeando à beira da lagoa provocada pelas chuvas de ontem. Mais perto ouvia o que já se vem tornando hábito: A marcha ritmada dos «pionas» a treinar para o seu desfile, passando imaginariamente por entre multidões ruidosas.

Sem os ver, podia-os acompanhar «na passada» com a minha imaginação. Eles vêm lá de cima, junto da casa do só Diungo Tótó, passam em frente à minha cubata e à laia de cumprimento, arrastam o pé num passo ligeiro de Kazucuta. Depois continuam no «chô» até ao chafariz. Logo a seguir dão a volta, e sobem outra vez a ladeira de terra vermelha e gritam:

«Savimbi, as barbas tem piolho».

«Roberto, foge vem aí as FAPLA».

Dão mais uns passos de kazucuta, puxam vigorosamente a sua «mutimba» e arrancam de novo debaixo do olhar delirante da gente que pára para os ver.

«Temos homens para amanhã, vão ver» — dizia a velha Kotola olhando ternurenta os dengues do seu bairro.

Na verdade, não conseguia permanecer mais na cama. Começava a ter vontade de ver os miúdos nas suas «revianguas».

Quando abri a porta dei com o sol a cair no quintal da Don'Ana, e vi muita gente lá em cima assistindo os «pionas» nas suas manobras. De súbito, quando passei os meus olhos, ainda estranhos à claridade, na porta do miúdo Zeca Faria, encontrei-o lá sentado e abanando a cabeça, fazendo que não.

— Hei Zeca, então não vais marchar?

— Com'ê?

O Zeca levantou-se mostrando-se chateado, pôs as mãos nos bolsos e caminhou até ao pé de mim. O Zeca Faria era um miúdo que tinha idade que dava para nada. Quer dizer, não podia ser pioneiro porque já tinha 16 anos, e não podia ir para outro sítio porque era muito novo.

— Então Zeca com'ê?

O Zeca cumprimentou-me de progressista, cruzando o aperto de mão.

— Sabe só Berto o meu irmão...

— «O teu irmão? — Ele anda ali a marchar com toda a genica. Qu'ê qu'ele tem?»

Então o miúdo Zeca começou a contar. O irmão só falava em marchar. Só dizia que a guerra era matar o lacaio do imperialismo. Falava de armas e que ia construir mais «mutim-

bas».

— «Mas no fundo ele não sabe nem para que serve a guerra, nem o que é isso de lacaio do imperialismo». «O meu irmão passa a dia lá no que se chama de base. Ele abusa, como os outros, manda parar carros e diz que é vigilância. Assalta as casas dos colonos, mesmo aquelas que não pertenciam a colono nenhum, mas que agora serve sempre de argumento». — Enfim, ele sentia-se preocupado com o irmão.

— «Mas Zeca, não vês que é preciso pôr os miúdos ao serviço da revolução? — E olha que quando eles crescerem hão-de sentir orgulho de serem eles próprios a construir a nossa terra.

— Desculpa só Berto, mas, mas diz isso porque não tem filho e porque gosta de os ver fazer essas «brincadeira». Mas eu, que falo com eles e estou junto com eles, acho que isto assim vai dar mau resultado. Sabe só Berto, se a organização os dividisse por grupos pequenos, de 15 ou 20 por exemplo, e cada grupo tivesse um professor que lhes desse aulas de instrução primária, outro de iniciação política, outro de ginástica, onde poderiam ter estas marchas e aprender outros exercícios. Se fosse assim, estava bem, compreende só Berto?

Eu de facto, começava a compreender o problema do miúdo. Ele andava no liceu e a tal «pró» lá com os seus debates e teorias já estava a dar aos estudantes possibilidades de pensarem no que estava bem e no que estava mal. Mas não há dúvida o monadengue Zeca, tinha a sua razão.

Depois daquela conversa, nunca, mais vi nem o Zeca Faria nem o irmão. Até que certa vez, ao voltar para casa, já tarde, passo em frente da «base» dos pioneiros do bairro. Quando olho lá para dentro vi uma coisa que me espantou. Toda a miudagem sentada no chão virada para o miúdo Zeca.

Eu ainda só ouvi: «me digam só, quem vai arranjar a máquina que se estraga na fábrica, se vocês não forem técnicos? — Quem vai tratar dos bois e das vacas, para nós comermos, se vocês não estudarem? — Quando vai acabar a guerra vocês sabem? — Então camaradas, isso de marchar todos os dias, e ficar na base todo o dia de sentinela, não ajuda a revolução. É preciso também estudar! Compreendem? — Vocês se continuarem sempre assim qualquer dia só sabem vadiar. Querem ser vadios?»

Eu lá deixei o Zeca a dar a sua lição de mais velho.

Estava contente. Se eu soubesse tanto naquela idade como os miúdos de hoje... — Esses dengues já pensam «boé».

O Zeca tinha razão.

# Racismo Origens e Consequências



O racismo é uma teoria reaccionária que se baseia na tese da desigualdade original dos homens — cor da pele, traços do rosto, configuração do corpo, formas e cores do cabelo, etc. — e pretende que a história das sociedades obedeça a leis biológicas imutáveis. Esta tese é favorável aos interesses das classes exploradoras.

O racismo surgiu no seio da sociedade esclavagista e os seus defensores serviram-se dele para justificar e manter a opressão nacional e social. Esta tese anticientífica serviu para demonstrar e sustentar a ideia de que no mundo sempre houve raças superiores e inferiores e que estas estariam condenadas a viver na escravidão.

No regime dos senhores feudais, — feudalismo — dentro da base racial havia uma nítida diferença entre os servos e os trabalhadores da cidade. No século XIX, as teorias racistas foram utilizadas pelos defensores da escravidão e da exploração dos negros nos Estados Unidos da América. Na Alemanha nazi, após a subida ao poder de Hitler, o racismo foi proclamado ideologia oficial da ditadura fascista. Nos nossos

dias, o racismo existe ainda em alguns países europeus e Africanos, sendo em África, a África do Sul o seu ponta de lança.

O racismo tem sofrido rudes golpes nos países onde ainda se faz sentir, e a prática demonstra-nos que os países não europeus libertos são tão capazes como os povos europeus de impulsionar uma cultura e uma civilização realmente avançada.

No nosso país, por uma determinante histórica, o colonizador, o colonialista era europeu, e serviu-se de todas as teses racistas para perpetuar a sua dominação. O povo Angolano, consciente de que a subjugação nacional não era mais do que um aspecto transitório no processo histórico do país e que as teses racistas por eles defendidas eram um dos sustentáculos do seu regime, opôs sempre uma resistência heróica até à liquidação do odioso sistema colonial fascista.

Hoje, o País é independente, livre e soberano e a situação objectiva caracteriza-se pela agressão estrangeira a que o povo responde com a resistência popular generalizada enquadrada numa larga frente anti-imperialista. Muitos militantes e patriotas sustentam ainda teses racistas, motivados pela humilhação e discriminação racial a que estiveram votados durante longos anos. O combate ao racismo deve ser orientado para a explicação das suas origens e consequências que em última análise servem os interesses daqueles que pretendem a continuação da exploração do homem pelo homem no nosso país. O racismo cria a divisão no seio da frente patriótica e sabota o desenvolvimento da resistência popular na retaguarda, retardando deste modo a vitória do nosso povo sobre o imperialismo.

CANTO INTERIOR  
DE UMA NOITE FANTÁSTICA

Sereno, mas resolutu  
aqui estou — eu mesmo! gritando desvairado  
que há um fim por que luto  
e me impede de passar ao outro lado  
Ante esta passagem de nível  
nada de fáceis transposições  
Do lado de cá — pareça embora incrível  
é que me meço: princípio e fim das multidões  
Não quero tudo quanto me prometam aliciantes  
Nada quero, se para mim nada peço,  
o meu desejar é outro — o meu desejo é antes  
o desejo dos muitos com que me pareço  
Quem quiser que venha comigo  
esta jornada terrena, humana e sincera  
E se for só — ainda assim prossigo  
num mar de tumulto impelindo os remos sem  
[galera

Que venham glaucas ondas em voragem  
que abram fogos infernais  
que até os vermes tenham a coragem  
de me cuspir no rosto e no mais  
Que os lobos uivem famintos  
que os ventos redemoinhem furiosos  
que até os répteis soltem seus instintos  
e me envolvam traiçoeiros e viscosos.  
Que me derrubem e arremessem ao chão  
que espinhem meu corpo já cansado  
à tortura e ao chicote ainda responderei não  
e em cada queda — de novo serei alevantado  
E não transporei a linha divisória  
entre o meu e o outro caminho  
Mesmo que a minha luta não tenha glória  
é no campo de combate que alinho  
Assim continuarei a lutar, ai a lutar!  
num perigoso mar de paixões e escolhos  
e — companheiros — se neste sofrer me verdes  
[chorar  
não acrediteis em vossos olhos!

ANTÓNIO JACINTO

(Conclusão da página 1)

EDITORIAL

Conclusão da 1.ª Página

ssoras de rádio, jornais e cinemas.  
Este deveria ser o nosso combate comum.  
Num programa debatido em conjunto. No  
entanto ouvimos já com certa insistência  
que estão a surgir novas associações cultu-  
rais. Isto é o que chamamos dispersão de  
esforços. Isto denunciámos vigorosamente.  
Aproveitamos para perguntar pelos benefi-  
cios que o nosso POVO recebe de associa-  
ções culturais já antigas ou mais antigas que  
a nossa, e que também são conhecidas  
pelas suas portas fechadas?

Com'ê?

Nós declaramos guerra a todos aqueles  
que quiserem fazer renascer a cultura bur-  
guesa. Dizemos também que estamos arma-  
dos até aos dentes com a razão popular.

Lutamos pelo enquadramento da cultura  
do POVO e por uma cultura científica de  
massas, portanto somos declarados inimigos  
de todo aquele que tente manobras para a  
cultura burguesa sobreviver na nossa terra.

A Luta Continua.

TEATRO

“TCHINGANCE” E O PODER POPUARI

Conclusão da 3.ª Página

têm mais do que nunca, que ter consciência da  
força do seu inimigo.

c) A TOMADA DE PODER

Há mais algumas ideias cujos objectivos  
podem não ser atingidos. Por exemplo, ao pre-  
tender-se tomar o poder de um país pelas mas-  
sas trabalhadoras, tem que ficar bem claro que  
esse objectivo só se atinge com uma sólida  
aliança da classe operária com os camponeses  
e que também fazem parte dela os intelectuais  
revolucionários, os estudantes progressistas e a  
pequena burguesia descontente.

Erradamente, a representação dá a entender  
— que houve apenas a tomada de poder du-  
ma fábrica.

— que esse poder foi tomado isoladamente  
pelos operários.

— que a revolução é a coisa mais fácil deste  
mundo.

— que não é preciso desfazer a cabeça do  
Capital contra os canos das armas empun-  
hadas pelo POVO

— que basta dar-lhes umas «bofas» para  
eles «basarem»

— que o imperialismo é um tigre de papel  
mesmo quando o POVO não se levante or-  
ganizado.

No fundo, «TCHINGANCE», é um grupo  
muito importante, que tem de ser apoiado, (quem  
nos dá apoio? — é urgente camaradas!) para  
poder servir cada vez melhor a Revolução.

A LUTA DOS POVOS OPRIMIDOS

Conclusão da 7.ª Página

Actualmente a luta dos povos contra o im-  
perialismo alcança grandes vitórias e é bem ver-  
dade que os países querem a independência, as  
nações querem a libertação e os querem a  
revolução. Esta corrente avança irreversivel-  
mente e o mundo conhece uma situação como a  
descrita por este verso: «Quando a tempestade  
se aproxima, o vento invade o pavilhão». E o  
vento sopra cada vez mais forte.

## CINEMA

## JESUS CRISTO SUPERSTAR

Jesus Cristo Sperstar, é uma versão cinematográfica da ópera-rock do mesmo nome, filme este que foi projectado há tempos no cinema Tivoli.

O argumento baseia-se na vida de Cristo, mas o assunto é tratado de uma forma diferente daquela que todos conhecemos através dos meios de divulgação da Igreja.

A vida e morte de Cristo, a sua obra são apresentados sob um aspecto crítico e como resultado de interesses das classes privilegiadas que mantinham a dominação colonial da Galileia, sob o poder da águia do Império romano.

Pensamos que na realidade, a única forma de explicar correctamente as movimentações sociais, como foi a dos cristãos, é aquela que se baseia na luta entre os interesses das classes exploradoras e os interesses das classes exploradas.

Não podemos é estar de acordo com a forma como é explicado o mecanismo dessa luta entre classes que originou a morte de Cristo.

Com efeito, a actuação das massas populares é explicada de uma forma profundamente antipopular.

Não restam dúvidas a ninguém que Cristo conduzia um movimento democrático e progressista que tinha como objectivo libertar o povo da Galileia da dominação colonial romana.

Assim, mostrar a morte de Cristo como reflexo do abandono das massas populares, como abandono do seu dirigente é antipopular.

Por outro lado, perante os interesses das classes trabalhadoras dos países do Ocidente, na sua luta contra a burguesia imperialista, esse filme é um insulto.

O carácter democrático das concepções sobre liberdade, não torna o filme um objecto de luta ao serviço dos trabalhadores dos países ocidentais, bem pelo contrário expressando interesses alheios às massas trabalhadoras desses países, ele não consegue senão perpetuar o poder dessas classes exploradoras.

Apreciamos a realização técnica e a coreografia, (bailados) mas quando estão ao serviço de uma concepção burguesa sobre a história, só

servem para mascarar a dominação capitalista no Ocidente e por isso não têm valor senão como divertimento.

## IDEIAS

## A LUTA DOS POVOS OPRIMIDOS

Alguém disse e muito bem, que a luta dos povos pela sua emancipação social económica é um acto de cultura.

Relembrando as grandes transformações de qualidade que se operaram neste século em todos os continentes do mundo, não poderemos deixar em branco, um acto importantíssimo que veio modificar completamente a dependência social, cultural, económica e política dos povos oprimidos e explorados em relação ao grande capital imperialista, que através da opressão mais cruel deixava os povos do mundo no maior obscurantismo e miséria.

Queremos aqui falar da Grande Revolução Socialista de Outubro que modificou a correlação de forças entre uma minoria de potências imperialistas ditas «civilizadas» e a esmagadora maioria dos povos de todo o mundo.

Pela sua repercussão e profundidade, pelo dinamismo que veio dar à luta dos povos, a Grande Revolução Socialista de Outubro é um marco inesquecível na história da luta dos oprimidos. Ela é um ponto crucial na história do movimento de libertação dos povos da África, da Ásia e da América Latina, pois juntou num todo a luta dos operários nos países capitalistas e o combate pela liberdade e pela independência nacional dos povos oprimidos e dependentes. Antes da Revolução Socialista de Outubro, a direcção da luta de libertação nacional permanecia, nas mãos da burguesia nacional em grande parte dos países do terceiro Mundo.

A actividade dessa burguesia tem um carácter duplo; por um lado quer emancipar-se da prepotência dos monopólios e dos grandes capitalistas estrangeiros e de diminuir as relações feudais, por outro, temenno a acção revolucionária das massas tenta limitar e controlar a amplitude das movimentações de massas e pôe-se a mudanças revolucionárias radicais.

Porém, a partir de Outubro de 1917, em muitos países subjugados, as massas populares operárias e camponesas revelam-se como forças políticas autónomas e, dirigidas pelo seu destacamento de vanguarda conseguem destruir os vestígios mais salientes da sociedade capitalista e construir uma sociedade nova sem exploração.

Continua na Página 6

# “SOBRE A CONCEPÇÃO DO MUNDO”

O sistema de opiniões, de noções e de representações sobre o mundo que nos rodeia em seu conjunto constitui o aspecto fundamental de toda a concepção do mundo. O principal problema da concepção do mundo é também o problema fundamental da filosofia.

Conforme se considera como dado primário a matéria ou a consciência, existem duas categorias fundamentais de concepções do mundo, dois grandes campos da filosofia: o campo materialista e o campo idealista.

A concepção do mundo é o reflexo do ser material e social do homem e está condicionada pelo nível de conhecimentos humanos alcançados em uma dada etapa histórica. A concepção do mundo atinge assim um carácter histórico.

Quando em 1342 os colonos portugueses chegaram a Angola com a pseudo-finalidade de estender o cristianismo à Angola e com a finalidade de facto de explorar e oprimir o Povo Angolano, o nosso povo encontrava-se numa fase de transição do regime escravagista para o feudal e reinava na altura uma concepção religiosa e idealista do mundo pelo fraco desenvolvimento científico e técnico do povo. O colonialismo português a partir daquela altura começou a impor um modo de produção diferente do modo de produção em que o povo se encontrava, um modo de produção capitalista em que reinava a concepção burguesa do mundo, propaganda por meio da filosofia, da escola, da Igreja e por todas as manifestações culturais. No entanto, no desenvolvimento normal de uma sociedade não colonizada, no início da sociedade capitalista, a burguesia era uma classe avançada, progressista. Na sua luta contra o obsoleto regime feudal apoiava-se em ideias avançadas para a época e a sua concepção do mundo era progressista. Uma vez no poder, renunciavam aquelas ideias

avançadas e a sua concepção do mundo tornou-se reaccionária.

Sob o capitalismo nasceu a concepção científica do mundo que materializa os interesses do proletariado revolucionário e dos trabalhadores em luta para derrubar o regime de opressão e exploração.

A concepção idealista do mundo é anticientífica, considera a consciência anterior à matéria isto é a consciência como dado primeiro e a matéria a natureza como dado secundário. O idealismo como concepção do mundo da sociedade caitalista, leva ao aparecimento das classes e da exploração. O idealismo nega as leis objectivas da transformação da natureza e da sociedade nega a acção recíproca e a ligação entre os fenómenos da natureza, a transformação universal e o desenvolvimento incessante, as mudanças qualitativas e a luta dos contrário nos fenómenos da natureza e da sociedade.

A interpretação idealista dos fenómenos da natureza e da sociedade leva os ideólogos da burguesia a um papel reaccionário de combate às forças do progresso, da democracia e da Ciência.

Contrariamente à concepção idealista, a concepção materialista considera, que o mundo e as suas leis são perfeitamente conhecíveis.

Esta concepção científica do mundo foi sempre a concepção do mundo das classes avançadas em luta pelo progresso e interessadas no desenvolvimento das ciências.

Nesta etapa de luta contra o imperialismo, o nosso povo, o proletariado, o campesinato os intelectuais revolucionários, a pequena burguesia e a burguesia patrióticas devem estar munidas de uma concepção científica do mundo para que compreendam mais concretamente a necessidade da... a médio prazo se instaurar no país um regime de democracia popular.